

EDUCAÇÃO

V.11 • N.2 • Número Temático - 2022

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2022v11n2p152-161



“A HISTÓRIA NA FACE DO TEMPO”: O PENSAMENTO FOLCLÓRICO DE NÚBIA MARQUES

"HISTORY ON THE FACE OF TIME": THE FOLKLORIC
THOUGHT OF NÚBIA MARQUES

"HISTORIA EN LA CARA DEL TIEMPO": EL PENSAMIENTO
FOLCLÓRICO DE NÚBIA MARQUES

Magno Francisco de Jesus Santos¹

RESUMO

Núbia Marques foi uma das principais intelectuais sergipanas da segunda metade do século. Professora universitária, integrante da Academia Sergipana de Letras e entusiasta dos estudos folclóricos, ela tornou-se uma importante voz no reconhecimento do protagonismo histórico das camadas populares. Trata-se, portanto, de uma intelectual multifacetada. Neste artigo mobilizo a face da folclorista, a partir das interfaces entre a sua atuação na construção de políticas públicas e de sua escrita. Com isso, por meio de suas investigações acerca da população pobre de Sergipe, ela contribuiu para a produção de inventários das manifestações da lúdica folclórica no estado e sistematização dos saberes populares pensados no espaço de formação universitária.

PALAVRAS-CHAVE

Núbia Marques. Pensamento Folclórico. Sergipe.

ABSTRACT

Núbia Marques was one of the main intellectuals in Sergipe in the second half of the century. A university professor, a member of the Sergipana de Letras Academy and an enthusiast of folklore studies, she became an important voice in recognizing the historical protagonism of the popular classes. It is, therefore, a multifaceted intellectual. In this article, she mobilizes the face of the folklorist, based on the interfaces between her performance in the construction of public policies and her writing. With that, through her investigations about the poor population of Sergipe, she contributed to the production of inventories of the manifestations of playful folkloric in the state and systematization of popular knowledge conceived in the space of university education.

KEYWORDS

Núbia Marques. Folkloric thought. Sergipe.

RESUMEN

Núbia Marques fue una de las principales intelectuales de Sergipe en la segunda mitad del siglo. Profesora universitaria, miembro de la Academia Sergipana de Letras y entusiasta de los estudios del folclore, se convirtió en una voz importante en el reconocimiento del protagonismo histórico de las clases populares. Es, por tanto, un intelectual polifacético. En este artículo, movilizó el rostro de la folclorista, a partir de las interfaces entre su papel en la construcción de políticas públicas y su escritura. Con eso, a través de sus investigaciones sobre la población pobre de Sergipe, contribuyó a la elaboración de inventarios de las manifestaciones del folclore lúdico en el estado y a la sistematización del saber popular concebido en el espacio de la educación universitaria.

PALABRAS CLAVE

Núbia Marques, pensamiento folclórico, Sergipe.

Em tempos tão difíceis de pandemia, de incertezas que perpassam nossos caminhos e propagam uma densa névoa no horizonte, a investigação atinente à folcloristas tem sido um alento, um suspiro que possibilita sonhar com dias melhores, com encontros presenciais, com abraços, com o olho no olho. Um desejo de voltar a deslocar-se pelos espaços, de reencontrar-se com o humano. Em tempos nos quais o próprio tempo parece ter encontrado um lapso, paralisado e incrédulo diante das barbáries que se propagam entre os humanos, nos quais a vida plaina em céu difuso e a violência impera como práxis e retórica, sonhar pode até ser uma quimera. Mas, viver é sonhar e no nosso caso, sonhar é resistir.

Outro motivo que torna esse percurso investigativo salutar é a temática debatida: trago como problema de investigação o pensamento de uma das mais emblemáticas intelectuais sergipanas da segunda metade do século. Uma mulher marcada pela polifonia, que versou e transitou entre os elementos da literatura clássica e os ditos propagados pelas vozes do povo, com o sotaque das camadas populares. Uma mulher em deslocamento, que palmilhou os diferentes espaços de produção de saberes, como universidades e o tão combatido Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico de Sergipe, experimento do poder público estadual na década de 1970. Trata-se do pensamento folclórico de Núbia Nascimento Marques.

Jean-François Sirinelli (2003), ao convocar os historiadores a enfrentarem o desafio de estudar a atuação política dos intelectuais, elucida o fato de estarmos tratando de uma categoria que mobiliza sujeitos extremamente escorregadios, que parecem escapar das categorias explicativas, diluir-se nas mãos das certezas. Geralmente, quanto mais estudamos a trajetória de intelectuais², mais desfocada se torna a sua visualização. A complexidade de suas vidas e, notadamente, de seus pensamentos, ofusca a ambição do historiador e da historiadora em vislumbrar o humano, em escrever de forma inteligível acerca desses homens e dessas mulheres que teceram suas vidas em deslocamentos, emaranhando experiências, forjando leituras de si, mitigando dramas em palavras que projetam a ordenação do passado.

Ao falar em perspectiva histórica, reconheço que mergulho em águas profundas da memória, no enfrentamento hercúleo de sanar a sede de conhecimento e do mesmo modo, resistindo à inevitável necessidade de beber as águas do Rio Lete, das águas do esquecimento, no também profundo reino de Hades. Na malha do tempo, crio fios, para tecer uma nova trama, na qual a existência agrega novos tons, em uma faina existencial que rompe o silêncio da morte.

Como um tecelão dos tempos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019), em meu ateliê da história, a inteligibilidade de outrem está à mercê dos vestígios deixados em arquivos, museus e bibliotecas. O meu mergulho no pensamento folclórico de Núbia Marques tem como escopo os seus escritos. A palavra cravada na celulose que perpetua uma leitura de mundo, da apreensão que a intelectual fazia dos saberes do povo. Ao imprimir um livro ou artigo, a tinta deu forma a um olhar e, quiçá, a um modo de olhar o mundo. Neste caso, revisito seus escritos publicados em livros como “Pesquisas de Fatos Folclóricos”, “Aspectos do Folclore Sergipano” e “O luso, o lúdico e o perene”, além de textos esparsos, publicados em periódicos como a Revista Sergipana de Letras.

Neste sentido, é possível enfrentar o desafio de buscar entender esses sujeitos escorregadios, de enveredar por essas searas nas quais a intelectual forjou uma leitura de si, deixou fagulhas que de-

2 Sobre a trajetória de intelectuais podem ser consultados os textos de Santos (2013; 2017; 2018).

nunciam vestígios do seu pensamento. Fragmentos de memória que possibilitam um deslocamento de minhas novas inquietações de pesquisa, atreladas ao universo norte-riograndese, para promover um retorno às terras de Serigy, cruzar as combalidas águas do São Francisco e encontrar a figura marcante de Núbia Nascimento Marques.

Como provocação, tentarei mobilizar uma interface ainda pouco discutida acerca dessa importante intelectual que esteve entre os principais nomes do pensamento sergipano. Enfrento o pensamento folclórico de Núbia Marques. Primeiramente, por ser um ponto de inflexão recorrente em sua produção intelectual, principalmente, no período entre as décadas de 1970, 1980 e 1990 do século XX, ou seja, foi uma questão na qual a intelectual enfrentou ao longo de seus últimos três decênios de suspiros terrenos.

Segundo, em decorrência da relevância dos debates atinentes ao folclore no seio intelectual brasileiro no período mais difícil da ditadura civil-militar, ao longo da década de 1970, na qual os intelectuais foram mobilizados em diferentes instâncias para encontrar os elementos de um país profundo e de forjar uma leitura na qual o folclore passaria a ser visto como o verdadeiro Brasil visto por baixo, incluindo a possibilidade de se tornar um produto turístico. Dessa demanda, o Estado brasileiro passou a ser um importante órgão que arregimentava abnegados pesquisadores interessados em vasculhar as chamadas sobrevivências do passado.

Por fim, escolho esse recorte por motivo pessoal: ao ingressar na graduação em História, os meus devaneios de descanso eram alimentados pela leitura de textos folclóricos. Foi assim que me deparei com a escrita de Núbia Marques. Em minha formação de historiador dos de baixo, Núbia Marques emergiu como folclorista, a pesquisadora que revelava as vozes dos pobres, os saberes e fazeres do povo sergipano.

Além disso, acredito que o pensamento folclórico implica em um instrumento relevante para pensarmos como intelectuais entendiam a complexa questão da história protagonizada por homens e mulheres de baixo. Afinal, como a população pobre, desprovida da prática de registrar suas experiências sociais no âmbito da cultura escrita fazem história? Como essas experiências históricas dos de baixo foram assimiladas por homens e mulheres letradas?

Se, muitas vezes, a interpretação folclorista pode parecer incômoda, pois os saberes das camadas populares, da gente pobre é apresentada como uma sobrevivência de outrora, uma permanência suspeita e atemporal, ou ainda um vestígio que denuncia a existência de vidas paralisadas no tempo e no espaço; por outro lado, são exatamente esses vestígios registrados pelos folcloristas que nos possibilitam lançar novas questões, como de forma provocativa salienta Edward Thompson (2007).

Foram os folcloristas de outrora que ousaram romper os muros das universidades e mergulhar nas comunidades rurais. Foram os folcloristas que passaram a ver os de baixo como problema de investigação. Mais do que isso! Foram os folcloristas que passaram a reconhecer a população pobre, camponesa ou urbana, como detentora de saberes.

Neste caso, o pensamento folclórico de Núbia Marques nos permite ter acesso a um vasto repertório de saberes de gente que pouco ou nada escrevia. De homens e mulheres que muitas vezes eram apenas estatísticas. Núbia Marques rompeu a barreira da universidade e mergulhou nas ruas, em meio ao povo, com o povo. Uma mulher que provocou uma ruptura espacial e epistêmica no âmbito da

universidade em terras sergipanas. Neste caso, antes mesmo que os historiadores e as historiadoras pensassem na possibilidade de enxergar os pobres como sujeitos da história, protagonistas de suas vidas, os folcloristas cartografavam os saberes de uma população que vivia à margem: à margem da escrita. À margem do poder público. À margem da cidadania. Também, à margem da história.

Neste caso, Núbia do Nascimento Marques emergiu na década de 1970 como herdeira de uma forma de pensar as experiências sociais dos de baixo, oriunda de intelectuais da segunda metade do século XIX, como Celso de Magalhães, Maria Firmina dos Reis, Mello Moraes Filho e Sílvio Romero (SANTOS, 2020). Um pensamento substanciado pelo olhar acerca do outro. O outro visto sempre como ameaça e ameaçado: uma névoa perdida no tempo, uma sobrevivência do passado. Uma presença anacrônica no presente. O pobre e, principalmente, suas práticas culturais e sociais, em sua forma de pensar e de agir no mundo, eram interpretados como indícios de outrora, ainda não sucumbida pela modernidade. Resquícios rurais agonizantes. De forma pertinente, o professor Durval Muniz Albuquerque (2013) asseverou: um morto vestido para o ato inaugural.

Contudo, seria ingenuidade interpretar a permanência do pensamento folclórico brasileiro como uma questão pautada na linearidade. Na década de 1970 do século XX, o Estado brasileiro fomentou pesquisas atinentes aos saberes populares, notadamente, pelo viés do folclore. Com isso, organizações como as comissões estaduais de folclore, criadas em 1948³, no bojo do final da segunda guerra mundial e fomentada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), foram reestruturadas e retomaram as suas atividades, muitas vezes, financiadas pelo poder público.

No caso sergipano, o redirecionamento das pesquisas para o âmbito do folclore foi mobilizado tanto pela comissão estadual, como também pelo Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico, criado em 1970. Núbia Marques esteve à frente em ambos os espaços institucionais, como uma importante intérprete da cultura sergipana. Neste sentido, Núbia Marques passou a integrar um seleto grupo de intelectuais, oriundos de diferentes espaços institucionais, arregimentados pelo estado de Sergipe no levantamento e difusão dos saberes populares. Um elenco constituído por nomes como Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar, Beatriz Góis Dantas, Clodoaldo Alencar Filho, Luiz Alberto dos Santos, Luiz Antônio Barreto e Jackson da Silva Lima.

Ao assumir a diretoria do Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico, ela concluiu a pesquisa de levantamento da lúdica folclórica e publicou “Pesquisa de fatos Folclóricos”, obra inaugural de suas discussões atinentes ao folclore. Trata-se de um repertório inicial de saberes do povo, com registros oriundos de diferentes municípios do estado.

Além disso, ainda nessa década, a professora Núbia Marques envolveu-se na presidência da Comissão Sergipana de Folclore e em subcomissões, em um período fértil em realizações, como a publicação dos chamados Cadernos de Folclore, da Revista Sergipana de Folclore e, com a realização do Encontro Cultural de Laranjeiras, que desde 1976 tem sido o espaço de conagração das manifestações populares e dos intelectuais que pensam o folclore no país.

3 A comissão sergipana foi criada em 1948 e reestruturada por Felte Bezerra em 1951. Integram o grupo inicial: João Batista Perez Garcia Moreno, Acrísio Cruz, Fernando de Figueiredo Porto, Severino Pessoa Uchôa, Epifânio da Fonseca Dória e Exúpero Monteiro (SALES, 2018, p. 15).

Ainda nos anos 1970, no contexto de redefinição das universidades brasileiras e do nascedouro da pós-graduação, Núbia Marques realizou o curso de mestrado em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em uma pesquisa que teve como escopo a correlação entre a cultura espontânea de lazer e os folguedos de Sergipe. Os grupos folclóricos sergipanos passavam a ser alvo do olhar de acadêmicos.

Como mulher em deslocamentos, na fímbria do tempo, Núbia Marques reformulou suas inquietações. Se ao longo dos anos 1970 ela diagnosticou a ameaça de desaparecimento da lúdica folclórica sergipana, de elementos que haviam permanecido quase intactos ao varar os séculos, no decênio seguinte ela passou a atuar de forma mais assertiva, envolvida na salvaguarda dos saberes e fazeres do povo. Preocupada com a sobrevivência das manifestações, Núbia Marques passou a escrever e investigar sobre a difusão do folclore nos espaços escolares. Afinal, o que aluno sergipano conhecia acerca de sua cultura? A formação do sergipano nas instituições escolares também poderia encontrar-se coadunada com as ações de salvaguarda do folclore.

Contudo, foi em seu último decênio de existência que ocorreu uma confluência dessas intervenções, por meio da sistematização do seu pensamento folclórico em obras basilares, como *Aspectos do folclore sergipano*, de 1996 e *O luso, o lúdico e o perene*, vindo à lume nos idos de 1999. Foram nestas obras nas quais a intelectual lançou voos interpretativos, criando conexões entre as práticas culturais nas duas margens do Atlântico, vinculando as práticas culturais existentes em solo sergipano ao passado português.

Mas, afinal, qual era a concepção de folclore defendida por Núbia Marques. Em suas obras, o conceito nem sempre emerge explícito, delimitado. Assim como a autora, a concepção de folclore encontra-se diluída, por vezes, também em deslocamento. Como ela mesmo afirmou, “conceituar é sempre difícil, uma vez que estabelecer as dimensões críticas que envolvem a questão da criatividade humana, é complexo” (MARQUES, 1993, p. 95).

Trata-se, certamente, de uma colocação pertinente e que poderia justificar uma possibilidade de fuga da necessidade de expor-se ao conceituar um dos seus campos de atuação. Entretanto, fuga não parece ter sido uma ação preconizada na trajetória de Núbia Marques. Era uma intelectual que enfrentava as questões de seu tempo, como na árdua luta para se tornar a primeira mulher a galgar à imortalidade na Academia Sergipana de Letras. Como bem expressou a professora Maria Lígia Madureira Pina (2003, p. 164), Núbia era “alegre, ativa, sem preconceitos e autêntica. Dizia o que sentia, o que pensava. Se provocada, respondia à altura. E mais do que tudo isso Núbia era uma guerreira incansável na luta pelos direitos da mulher, pelos direitos sociais e políticos do ser humano”.

No entendimento de Núbia Marques (1993, p. 98), o folclore:

São fatos de caráter religioso e de folguedo que chegaram até nós pela tradição de modo dinâmico, com fortes evidências de mobilidade, criatividade interligados de forma fragmentária, que tem muita semelhança com a forma de vida das camadas populares, resguardando-nos o direito de não chamar “cultura popular”.

No pensamento folclórico gestado por Núbia Marques, os saberes e fazeres do povo são observados no presente como algo extemporâneo, algo que chegou até nós, mas sem ser o nós. É a so-

breviência do passado que resiste. O elo que nos vincula a uma tradição, que como um espelho nos revela o quanto somos e devemos de outrora, herdeiros das sociedades que fizeram suas histórias em tempos pretéritos. A cultura dos de baixo emerge como resíduos, fragmentos, pedaços de cultura, estilhaços que cruzaram o tempo, resistiram a ferocidade das intempéries e à sagacidade do moderno, adentrando de forma intempestiva ao nosso tempo.

Contudo, isso não implicava na aprovação de usos e abusos dessas sobrevivências que cruzavam séculos e conectavam presentes a passados. Núbia Marques se preocupava e denunciava práticas de apropriação dos saberes do povo pela máquina capitalista, que transmutava saberes em mercadoria e promovia o desbotamento dos elos identitários em meros recursos descartáveis. No calor em defesa dos saberes do povo, Núbia Marques (1999, p. 54) escreveu em um ímpeto de denúncia:

O flutuar, vir à tona, eclodir os resíduos da cultura ancestral são aqui entendidos não como detritos descartáveis, mas como material decantado secularmente, que pode emergir do inconsciente coletivo, a qualquer momento, sob o comando dos arquétipos, viabilizando a cultura folk, presente nas mais diversas atividades do homem de sempre.

O homem de sempre não elucida a imortalidade do homem, mas a imortalidade da humanidade, que transmuta os seus saberes de uma geração a outra. Saberes que são decantados pelo tempo. Sim, para Núbia Marques o tempo emerge como agente da história, que mobiliza a salvaguarda de saberes e fazeres, que decanta a cultura, que canta a história. O folclore não foi visto por Núbia Marques como um emaranhado de expressões engessadas, mortas, amorfas, imutáveis. Pelo contrário, ela encantou-se e cantou um folclore caracterizado “por sua perene transformação” (MARQUES, 1999, p. 120), mesmo reconhecendo que nem sempre seria possível detectar quando tais mutações ocorreram.

Em sua caminhada nos tortuosos caminhos do folclore, na saga de registros sobre o labor e o lúdico, Núbia Marques (1999, p. 20) teve como “fio condutor a tentativa de explicar a perenidade ancestral, caráter do folclore e do mundo mágico presente em nosso cotidiano”.

Se, por um lado, a vida da intelectual expirou e o eco de suas palavras fortes em defesa dos pobres dissiparam no tempo; por outro, os seus princípios permanecem resistindo em seus textos. Como mágica, Núbia Marques permanece a nos convocar a defender os saberes e fazeres das camadas populares. Nos provoca a pensar o nosso tempo, a olhar para além das barreiras que circundam a universidade, para olhar e ver, o povo.

Em um momento de muitas vozes e poucos ouvidos, a experiência folclórica de Núbia Marques nos parece ser exemplar para o regaste de uma humanidade diluída. Um sussurro de esperança para resistirmos. Em um ano na qual mais uma vez o silêncio impera em mais um caso de chacina de vidas negras e pobres, as palavras de Núbia Marques emergem como um grito de esperança: vamos cruzar a João Bebe Água! Vamos ouvir e entender o que os pobres pensam. Vamos deixar de lado a síndrome contemporânea de Narciso, abandonar a perspectiva da selfie e lutar em defesa daqueles que fazem a história deste país: é a hora de nos voltarmos para a experiência dos de baixo.

Como Núbia do Nascimento Marques provocou, podemos romper com o modelo de colocação das utopias sempre alhures, além do tempo. Não temos mais tempo. Pela sobrevivência do humano, te-

mos que fazer da utopia história. Não em um amanhã distante e desfocado, mas no hoje e agora. Lutar e sonhar é o caminho de honrar o pensamento de Núbia Marques.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história**. São Paulo: Intermeios, 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **“O morto vestido para um ato inaugural”**: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular. São Paulo: Intermeios, 2013.

MARQUES, Núbia do Nascimento. **O luso, o lúdico e o perene e outros ensaios: 500 anos do descobrimento**. Rio de Janeiro: Imago, 1999. 163 p.

MARQUES, Núbia do Nascimento. **Aspectos do folclore em Sergipe**. Aracaju: ASL e PMA, 1996.

MARQUES, Núbia do Nascimento. **João Ribeiro sempre**. Aracaju: UFS, 1996. 226 p. (Nossos clássicos).

MARQUES, Núbia do Nascimento. **Hegemonia cultural na escola**. Aracaju: FUNDESC, 1987. 127 p

MARQUES, Núbia do Nascimento. **O conhecimento que o estudante sergipano tem de sua cultura**. São Cristóvão, 1981. 17 f.

MARQUES, Núbia do Nascimento. **Contribuição ao estudo exploratório sobre possíveis correlações da cultura espontânea com o lazer e desenvolvimento comunitário a partir da observação de alguns folguedos no Estado de Sergipe - Brasil**. 1976. 71 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1976.

MARQUES, Núbia do Nascimento. **Pesquisa de fatos folclóricos I**. Aracaju: SEC, 1972.

MELNIKOFF, Elaine Almeida Aires. **Trajectoria de Núbia Nascimento Marques: contribuições para a educação em Sergipe (1978-1999)**. São Cristóvão, SE, 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SALES, Tatiane da Silva. **Intelectuais e “folclore” em Sergipe: um estudo sobre a Comissão Sergipana de Folclore (1948-1976)**. 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, UFS, São Cristóvão, 2018.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “A guarda fiel de nossas tradições e da nossa História”: o Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e os heróis potiguares (1902-1927). *In*: BRITTO, Clóvis Carvalho; CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da; CERÁVOLO, Suely Moraes. **Estilhaços da memória**: o Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil. Goiânia: Espaço Acadêmico; Salvador: OMB, 2020. p. 165-182.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Um conto moral que sirva de espelho da vida:” Balthazar Goes, um intelectual pensando o ensino de História. **Interfaces Científicas Educação**, v. 7, n. 2, p. 23-34, 2019.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Simples, atrahente e comovente”: o ensino de História nos programas dos grupos escolares sergipanos (1912-1924). **História & Ensino**, v. 24, n. 1, 2018, p. 165-197.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Ensino de História, espaços e cultura política bandeirante: José Scarameli e a escrita de livros escolares para crianças. **Revista História, Histórias**, v. 5, n. 9, p. 104-126, 2017.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Scenas da História do Brasil”: Esmeralda Masson de Azevedo e a escrita de livros escolares de história para crianças. **Revista História Hoje**, v. 6, n. 12, p. 204-230, 2017.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus Santos. **Ecoss da modernidade**: a arquitetura dos grupos escolares sergipanos (1911-1926). São Cristóvão, SE: EDUFS, 2013.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 35-36.

THOMPSON, Eduard. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Tradução Antônio Luigi Negro; Sérgio Silva. Campinas-SP: Unicamp, 2007.

Recebido em: 20 de Setembro de 2021

Avaliado em: 10 de Dezembro de 2021

Aceito em: 10 de Dezembro de 2021



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaigual CC BY-SA

1Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF; Professor do Departamento de História – UFRN.
E-mail: magno.santos@ufrn.br

